

MAURÍCIO SILVA

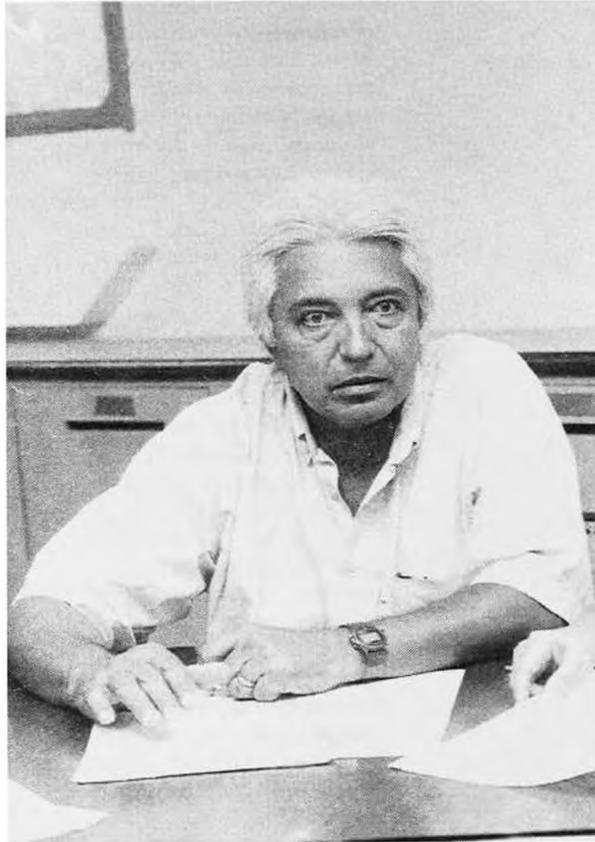
## *Entre a realidade e o mundo engraçado e crítico das charges e dos quadrinhos*

**A**oje ele está mais gordinho, os cabelos mais brancos, a voz mais pausada. Mas o moleque continua por dentro dele. Menino travesso, que, pra esconder a má criação, espalha pra todo mundo que é tímido. Engraçado que, por trás dessa timidez, usa caneta e papel para criticar políticos; mostrar que o salário anda mais baixo que nunca, que a vida dura tem momentos engraçados. É, talvez seja um tipo de timidez “corajosa”. Sem falar de outros assuntos que Maurício gosta de abordar: “Menino, assim não dá, metade das suas charges anda abordando sexo!”, diz alguma leitora costumaz. É mesmo? Vamos aumentar isso!, responde Maurício, não levando muito a sério. Aliás, o que menino leva a sério?

Ora, menino gosta de brincar. No caso de Maurício Silva, seus dias eram preenchidos pelos quadrinhos. Comprava Flash Gordon, Flecha Ligeira, Fantasma, Spirit. E copiava. E tentava reproduzir o mesmo traço. Aos poucos, interessou-se por Ziraldo, Mino, Angeli e tentava elaborar um traço próprio, o traço Maurício. Às vezes errava e fazia de novo; às vezes acertava e era mais um incentivo pra continuar desenhando. Desenhou tanto que as artes gráficas já tomavam conta da sua vida, mesmo antes de entrar pro “curso de jornalismo”. Anos pesados aqueles. Anos em que precisavam lutar para manter o curso funcionando e o rebatizar de “comunicação social”.

E nesses anos de formatura, muita coisa aconteceu. Não que o menino houvesse perdido sua alma de menino. Não. Continuava a aprimorar o seu desenho. Nem o amigo de curso, Xyco Theóphilo (publicitário hoje), escapava de suas charges. Xyco inventou de fazer uma reportagem sobre peças íntimas e foi expulso da casa de um pescador por causa das perguntas. Maurício não contou pipoca: desenhou o amigo sendo chutado pra fora de uma casa, com o pescador gritando no fundo: “Vá pesquisar a calcinha da sua mulher!” Ou seria avó? Não importa. Importa que Maurício não perdia uma. Para que perder os momentos mais engraçados da vida?

Menino, você já fez a lição? Ora, a lição era fazer charge. Era desenhar o jornal, “onde fica o



*Maurício usa a expressão gráfica como quer: brinca, anuncia e critica com a liberdade que um texto não permitiria.*

quê, onde tira o quê”. Era fazer publicidade, também. “Ficou maluco, além de jornalista, vai ser publicitário!”, diriam os moralistas. E que publicitário iria dar, ora! Sabia desenhar, era criativo, cabeça fria e com um humor... o lide jornalístico ia esperar. Amava o jornal, mas o jornal físico, estrutural, diagramado. Não havia tempo pra ir pra rua, investigar, saber quem morreu. Havia muita gente pra fazer aquilo. Tinha que fazer o que gostava, aquilo que trazia na alma de criança. E o jornal precisava também de pessoas daquele tipo: sonhadoras e “com os pés no chão” ao mesmo tempo.

E o menino cresceu no tamanho, casou, teve dois filhos (que se a gente duvidar, podem ter mais juízo que o pai) e se tornou chargista e publicitário. “Engraçado como a gente amadurece e continua o mesmo”, filosofa, sempre provocando risos. Menino Maurício, nossas crianças não são mais lindas porque acabam crescendo. Felizmente, você inverteu essa ordem.

Entrevista com o  
chargista  
Maurício Silva, dia  
11/06/97

Produção:

Ana Luiza Almeida do  
Monte e Ana Paula  
Dantas

Abertura:

Ana Paula Dantas  
Redação, edição e  
texto final:

Ana Luiza Almeida do  
Monte e Ana Paula  
Dantas

Participação:

Ana Luiza Almeida,  
Ana Paula Dantas,  
Antônio Vanderley,  
Ingrid Coifman, Janaina  
Braga, Natália Duarte,  
Pedro Guerra, Samira  
de Castro, Carlos  
Eugênio Furtado.



Um cara de criação, redação, arte, fotografia, planejamento. Um pouco disso, um tanto daquilo, o suficiente para o gasto.

**Entrevista - Bom, Maurício, nós fizemos um levantamento e teve uma característica especial nesta entrevista porque a gente sempre vinha se preparando fazendo uma pré-entrevista com o nosso escolhido, e depois a gente fazia a entrevista. Mas, no seu caso, aconteceu de você ter que se operar e a gente levantou alguns traços da tua vida, algumas coisas que talvez a gente possa explorar mais agora nessa entrevista, já que é esse o momento. A gente conseguiu muita coisa através de depoimentos dos seus colegas de trabalho, através das conversas com você por telefone. Bom... uma das coisas que a gente descobriu foi que há mais de dez anos você trabalha fazendo charge, né?**

**Maurício Silva -** No Classificado. (Caderno "Classificados", do jornal cearense "Diário do Nordeste")

**Entrevista - Pois é, mas como e quando começou seu interesse por charge?**

**Maurício -** Ih, acho que era melhor a gente dar um... "túnel do tempo" assim, e voltar onde nasceu meu interesse por jornalismo. Pela essa coisa de jornal, pela essa coisa de impresso, né?

**Entrevista - Hum-hum.**

**Maurício -** Esse fascínio por jornal nasceu... eu herdei do meu pai, né? Meu pai não era jornalista, nem homem de letras, mas era um cara que gostava de ler jornal todo dia. E na época, mil novecentose e preto e branco (risos), o jornal só circulava no centro da cidade. E, como eu morava no subúrbio, eu tinha que todo dia ter essa missão de ir lá no centro pra trazer o "Correio do Ceará" (jornal cearense já extinto, fundado em 1915) pra ele ler. Ele, como eu falei, não era jornalista nem pessoa ligada às letras, mas era mecânico, né? E depois de sair dali das graxas e dos parafusos, ele lia o Correio do Ceará, assim com regiolisidade, né? Porque ele gostava também muito do Caio Cid do Correio do Ceará. E eu também passei a gostar assim, por imposição, porque ele gostava, eu gostei também (sorrindo). Daí, nasceu essa coisa por jornal...

**Entrevista - ...essa paixão...**

**Maurício -** Porque você veja: a gente morava no subúrbio, deslocado do centro, mas não chegava lá o jornal e tinha que catar o jornal aqui no centro da cidade; vinha de ônibus exclusivamente pra comprar esse jornal e trazer pra ele ler, né? O jornal, na época, era vespertino, não havia jornais matutinos... o jornal circulava só à tarde, o Correio do Ceará. Sim, daí essa coisa por jornal, esse fascínio por

jornal e a ligação com o desenho ocorreu também assim por imposição da própria época: na época não havia televisão assim como essa vedete que é hoje, veículo de comunicação. O grande veículo de comunicação do jovem, na época, era História em Quadrinhos. E eu gostava de História em Quadrinhos como todo adolescente da época gostava, e eu era enlouquecido por História em Quadrinhos, né? Era aquela história em quadrinhos ainda antiga, clássica: Fantasma, Cavaleiro Negro, Flecha Ligeira, Flash Gordon (heróis dos quadrinhos criados nas décadas de 40 e 50 por desenhistas americanos). Daí nasceu essa coisa do desenho, traçando no desenho do quadrinho... Tinha desenhista como o Alex Raymond (desenhista americano), que era o desenhista do Nick Holmes e do Mister Valente, que tinha um traço muito perfeito pra época... Tinha os desenhos também do Spirit, do Will Eisner (autor americano dos anos 40), um cara também bom de quadrinho... Naquela época,

**“Esse fascínio pelo jornal eu herdei do meu pai. Meu não era jornalista, nem homem de letras, mas era um cara que gostava de ler jornal todo dia.”**

você vê que o Eisner era dos anos 40 e já tinha uma linguagem contemporânea de enquadramento, do enquadramento da imagem, roteiro da história. Daí veio essa coisa de desenho, de fascínio por coisas de jornal. E essa coisa de gostar de quadrinho também me levou a fazer o primeiro suplemento em quadrinho de jornal que circulou no jornal "O Povo". Era uma história religiosa, circulou na Semana Santa, aproveitei o gancho e vendi pro Demócrito (Demócrito Dummar, dono do jornal "O Povo") a idéia de fazer a história de Jesus Cristo na época, né? Na época, era uma forma de ter um público maior, mais abrangente, se a gente pegasse um tema religioso do que simplesmente uma história qualquer.

**Entrevista - Em que ano você desenhava a história?**

**Maurício -** (risos). Não sei, não me lembro. Nessa época, "O Povo" funcionava no prédio onde é hoje a Mesbla (loja de departamentos no centro da cidade, à rua Senador Pompeu).

**Entrevista - Mas, nessa época em que você fez sua primeira incursão pelo jornal, você estava na faculdade?**

**Maurício -** Não, não, ainda era só um maluco por Histórias em Quadrinhos, passava o dia desenhando e copiando os desenhos de Alex Raymond e desse pessoal aí... Daí eu fiz essa primeira incursão, que é uma coisa meio ousada de fazer um suplemento todo em quadrinho. E vendi, e desenhava, fiz o roteiro da história... deve ter saído uma droga (risos), só sei que circulou. Circulou e a idéia era depois que esse emplacou tentar vender - que não vingou- "Os Clássicos do O Povo", que era pegar aqueles clássicos antigos, que já são de domínio público, tipo "Robson Crusóé", "As mil e uma noites", aquelas histórias antigas, aqueles clássicos e fazer isso em quadrinho no jornal O Povo. O suplemento seria que nem esse que foi lançado com a história de Jesus Cristo, "Um homem chamado Jesus". Mas aí acabou não conseguindo patrocínio. A história do Cristo a gente ainda conseguiu uns patrocinadores. Mas esses Clássicos, apesar do esforço do Demócrito, que era muito batalhador em cima de aproveitar idéias que ele achava interessante... Mas a idéia era excelente para a época. "Clássicos do O Povo", ó? (risos). Ainda fiz o primeiro, Robson Crusóé.

**Entrevista - Circulou?**

**Maurício -** Circulou não. (risos) Morreu no berço mesmo. Sim, daí nasceu essa coisa de quadrinho, de desenho, de gráfico... como eu falei, eu disse que a entrevista ia ser só de uma hora e meia; a minha vai ser só meia hora, porque sou de poucas palavras (risos). Exatamente por isso, porque eu acho que busquei a expressão gráfica e a palavra escrita pra compensar essa falta de palavras que eu tenho. Essa timidez de palavras (pausa). O Neno (Neno Cavalcante, colunista do jornal "Diário do Nordeste") costuma citar um psicólogo lá dele que ele diz que "quando uma pessoa admite que é tímido, deixa de sê-lo", né? Se você admitir que é tímido, não é mais tímido. Já passou se isso valesse pra tudo? Se você assumisse qualquer coisa, não era mais! (abre sorriso).

**Entrevista - A gente vê que o seu traço é bem forte, e que é muito simples na forma, e, ao contrário do desenho do Eisner, que tem traços mais leves...**

**Maurício -** É, bem arabescos, com detalhes, sombreado...

**Entrevista - De onde foi que você tirou essa idéia do seu traço?**

**Maurício** - Não, a idéia é o seguinte: no começo da minha tentativa de incursão como chargista, a primeira vez que circulou o caderno "Fame" (tablóide que circulava no jornal "O Povo"), do Lúcio Brasileiro (colunista social do jornal "O Povo"), o Neno entrou como colunista social, e eu fazia uma "charginha" pra ele na coluna. Isso foi início de tudo. Mas eu não tinha traço definido ainda, né? Imitava ou procurava assim referências no Mino (Hermínio Castello Branco, chargista do jornal "Diário do Nordeste"), que era o "cobra"-já era cobra na época- (risos), e o Mino foi quem me orientou assim: "Rapaz, é isso mesmo, você tem que tomar como referência um desenhista que você gosta". No caso, eu gostava do Angeli (não sei se é Ângeli ou Angeli), gostava muito do Angeli e passei a copiar descaradamente o traço do Angeli pra mim criar (sic) o meu próprio personagem, meu próprio estilo, né? Você vê que meus primeiros traços, nas minhas primeiras charges, são uma cópia fiel do traço do Angeli. Seguindo a tendência que os cobras disseram, que você tinha que... E, na realidade, é assim mesmo. Você vê que o Ziraldo (desenhista) imitava não sei quem, o Millôr Fernandes (desenhista) copiava outro. Cada um tem um ponto de referência pra daí você ganhar uma personalidade, o seu traço ganhar uma personalidade. Você não pode é ficar agarrado sempre àquele traço que você tá copiando e imitando. Daí pra frente, a tendência é você ir se libertando e ter o seu próprio traço; aquele serve só como base ou como referência.

*Entrevista - E como foi o casamento do desenho com o jornalismo?*

**Maurício** - É, você vê que naquela tentativa que eu fiz no quadrinho já era a aproximação com o jornal, né? A idéia de vender um tablóide em quadrinho, de tentar manter um tablóide em quadrinho no jornal, os "Clássicos do O Povo", já era uma idéia de levar o quadrinho pro jornal porque a gráfica era difícil você tentar produzir uma revista como se hoje consegue. Consegue com uma certa dificuldade, mas consegue. O Jesuino (Geraldo Jesuino, professor de Programação Visual do Curso de Comunicação Social) não consegue a revista em quadrinhos? (revista PIUM, da Oficina de Quadrinhos do Curso). Mas na época era impossível, então tinha que pegar um veículo pra encaixar, um veículo pra puxar ou conduzir a idéia. No caso "O Povo", como era o jornal mais aberto, era o que aceitava

essas propostas, e o Demócrito, na realidade, provou, ele mesmo vendeu, e tentou vender "Os Clássicos do Povo". Mas, infelizmente, o mercado... como era quadrinho, era uma leitura meio proibida, o quadrinho tinha um estigma de não ser visto com bons olhos como é visto hoje. Na época, o quadrinho era literatura marginal. Você vê que os quadrinhos no início... A Editora Brasil América, por exemplo, fez um concurso que era... "concurso inexistente": era pra você descobrir um erro de português na história em quadrinhos. Eles queriam dar uma postura de quadrinho como leitura correta, coisa bem feita, bem produzida. Exatamente pra tentar desmitificar essa coisa do quadrinho como leitura perniciososa, leitura proibida...

*Entrevista - E aí, o seu interesse pela comunicação, tá ligada diretamente...*

**Maurício** - ... à coisa de jornal...

*Entrevista - Aos quadrinhos?*

**Maurício** - É, aos quadrinhos. Porque, como eu falei antes, hoje é fácil a pessoa... a tevê hoje puxa muito, a tevê é fascinante, a tevê é envolvente. Na época, os quadrinhos que eram

**"(...) Eu não tinha traço definido ainda. Imitava, ou procurava referências no Mino; e o Mino foi quem me orientou assim: 'Rapaz, é isso mesmo'."**

assim. A gurizada era alucinada por quadrinhos; eu fui alucinado por quadrinhos, colecionava tudo. Aquele cidadão, que tem a "Revista e Companhia" (uma loja de revistas), ali, na Avenida Pontes Vieira, é um alucinado em quadrinhos da época (abre um sorriso). É um remanescente, o último remanescente. Mas hoje os quadrinhos têm uma linguagem totalmente diferente daqueles quadrinhos antigos. Tiveram que se adaptar, à modernidade, à computação gráfica, à riqueza gráfica que o computador fornece. Não é mais uma coisa artesanal como era antes, antes você tinha que desenhar traço por traço, encher os blocos, fazer letras à mão...

*Entrevista - E os quadrinhos até adaptaram certos conceitos da televisão, como a câmera lenta... E a relação como jorna-*

*lismo, você fez comunicação, não é isso?*

**Maurício** - O meu primeiro emprego, já que tinha essa inclinação por desenho, eu tentei trabalhar como desenhista e consegui meu primeiro emprego como desenhista de uma fábrica de plástico de acrílico. Era uma fábrica que tava chegando ao Ceará... Essa entrevista é pré-histórica, tudo é "tava chegando" (risos). É o dinossauro da propaganda! (risos). As fábricas de plástico tavam chegando em Fortaleza, fábrica de plástico luminosos, "almoço luminoso" era novidade, né? Botaram um anúncio no jornal, atrás de um desenhista, eu corri lá, peguei essa vaga, já tinha experiência em desenhar, né? Dessa fábrica de plástico, eu passei pra Scala (Scala Publicidade), que era uma agência de propaganda.

*Entrevista - E na Scala, você já era aluno de Comunicação Social?*

**Maurício** - É, eu já tava fazendo o primeiro ano. Quando eu tava na fábrica, eu já tava tentando comunicação. Na época, não era comunicação, ainda era Jornalismo (risos). Curso de Jornalismo!

*Entrevista - E como que foi a experiência de fazer uma faculdade ligada ao jornalismo, sendo da primeira turma? Quem nem você contou pra gente, que quando você fez e passou no vestibular, ligaram pra tua casa dizendo que "havia acabado o curso de Jornalismo!"?*

**Maurício** - Ora, se a gente tava com aquela tara de jornalismo e ir fazer Ciências Sociais, já pensou que frustração? Depois de ter conseguido passar no vestibular, ir fazer Ciências Sociais... sem querer desmerecer Ciências Sociais. Mas o que a gente gostava era jornalismo. Mas aí, tinha os líderes lá entre os que passaram no vestibular, como o Luís Carlos, já formado em advocacia, que conseguiu liderar o pessoal todo, tomar um prédio que tava vazio... (prédio antigo do curso de Farmácia, no centro da cidade). Porque a justificativa era que não havia espaço para o curso. Que o curso funcionava, parece que na ACI (Associação Cearense de Imprensa), de primeiro... só sei que a justificativa era que não havia espaço, e como tinha um prédio desocupado na rua Barão do Rio Branco, surgiu a idéia de ocupar aquele prédio (pausa). Aí houve uma coupação com faixas e tudo, de fato o prédio foi tomado para o curso de Jornalismo, que logo em seguida passou a ser curso de Comunicação Social.



O entrevistado estava sorridente quando recebeu a equipe. Manteve o bom humor natural até na procura incessante de uma sala para a entrevista.

Fizemos uma verdadeira maratona por todas as salas disponíveis do Diário do Nordeste e acabamos entre inúmeros jornais da sala da "Pesquisa"



Sobre o entrevistado: "Daqui para a entrevista, é bom vocês ficarem só ligando se não é capaz dele dar o cano". Inês Castro, companheira de trabalho no Diário.

**Entrevista - Maurício, tá faltando um elo aqui na minha cabeça. Você começou fazendo quadrinho, tinha aquela empatia por jornal e fez até aquele suplemento pra O Povo vender. Mas como foi a mudança de fazer quadrinho pra jornal e fazer jornalismo?**

**Maurício** - Não, a idéia do quadrinho é só porque tinha essa proximidade com o desenho, devido a essa coisa de História em Quadrinho que eu era envolvido. Mas o quadrinho foi só o primeiro gancho, a idéia era botar um pé dentro do jornal, enquanto não tinha a qualificação pra fazer redação ou outra coisa, eu já ia botando o pé dentro do jornal, vendo o jornal, aquela coisa de jornal "O Povo"... eu queria ser jornalista. Mas aí houve essa coisa do trabalho gráfico ser mais atraente. Aí eu fui já pra agência de propaganda desenvolver trabalho gráfico, "direção de arte"...mas depois eu me voltei pro texto também, né?

**Entrevista - Pois é, como é que se deu esse paralelo entre jornalismo, que era uma coisa que você já estava estudando, batalhando, tava querendo vivenciar aquilo, e essa tua vida que acabou construindo... As pessoas disseram que você construiu e "fundou" a publicidade no Ceará, praticamente. Como é que se deu esse paralelo entre jornalismo e publicidade?**

**Maurício** - Olha, fazendo jornalismo já era um referencial pra eu entrar numa agência, já tinha uma coisa pra mostrar, já que não tinha experiência em uma outra agência.

"Mas o cara tá fazendo jornalismo" - já era um referencial. Na época havia três agências: era uma agência do Tarciso Tavares (publicitário, da Tarciso Tavares e Evaristo (T & E Publicidade), a agência do Maninho (Maninho Brigido) e do Barroso Damasceno (Scala Publicidade). O Barroso era um "Tom Barros" (comentarista esportivo, um dos entrevistados desta edição), ele era repórter esportivo do Correio do Ceará. De repente, ele quis montar uma agência. Era fácil (ou difícil) e contratou um desenhista e um redator e pronto: tá formada a estrutura de uma agência. O desenhista fui eu, o redator era o José Domingos Alcântara. Um grande nome da redação do começo da propaganda. Depois veio o Carlos Paiva, o Sales Andradena redação e eu sempre fiquei com a parte de Arte.

A Scala, como na época era só varejo que se fazia, quis criar um diferencial e, quase por um acidente geográfico, a Scala começou a funcionar na rua Edgar Borges, e vizinho à

Scala tinha um escritório de assessoramento de empresas de indústria pro Nordeste (Assessoria Projetos Industriais). Estava surgindo na época...ó, enfatiza o traço! (abre sorriso). Estava surgindo na época essa coisa de industrialização no Nordeste. E então foi um passo pra Scala criar essa identidade como a agência de atender à indústria, ao invés de atender ao varejo como era comum no Tarciso Tavares e a outra do Assis Santos. A Scala criou esse referencial de fazer um atendimento para indústrias; indústrias que estavam nascendo na época. E pra fazer um atendimento pra indústria, já foi necessário uma sofisticação maior, um requinte maior. Você vê que na época não havia fornecimento de composição de textos, nem letra set - os títulos eram abertos com letra set -, não havia tituleiro nem nada. Os títulos dos anúncios eram abertos com letra set, letra por letra numas folhas de letras já printada...Nem aqui em Fortaleza não havia essas letra set,

**“Mas... aquela coisa voltada pra expressão gráfica foi que me fez voltar de novo pro jornal. Me levou pra agência, me trouxe de novo pro jornal.”**

porque o Renato (Renato Machado Portela) mandava comprar em Recife. Só pra dar um tratamento gráfico melhor aos anúncios da Scala.

E chega gente a perguntar: "Mas, como é que a gente conseguia fazer anúncio naquela época?" Hoje, com as facilidades da computação, você vê que o computador faz tudo. Na época, você montava um título letra por letra. Pra fazer um alinhamento de texto em volta de uma foto, você tinha que cortar linha por linha pra alinhar, né? Era um trabalho artesanal, o diretor de arte era um artesão. Então, pra criar esse diferencial, de uma empresa que não atendia a varejo, atendia às indústrias, o Barroso se dava esse luxo de comprar letra set, comprar letra set em Recife, fazer as composições de texto em São Paulo! O redator fazia lá o texto, o diretor de arte fazia um gráfico pra como ia se compor o texto e isso ia pra São Paulo por malote e voltava no outro dia. Isso tudo pra se dar um tratamento gráfico melhor, né?

**Entrevista - Mas quais eram os outros interesses que você tinha no curso de Jornalismo?**

**Maurício** - Não, o jornalismo foi... o jornalismo é pra direcionar, pra dar luzes... foi necessário. Porque as coisas eram feitas muito artificialmente. Já você fazendo jornalismo, você já dava um tratamento mais científico a determinadas coisas, já não fazia só por fazer, já havia uma preocupação a atender a uma coisa. A direcionar pra um objetivo...

**Entrevista - Maurício, e a charge, nessa época?**

**Maurício** - Ih, a charge!

**Entrevista - Nessa época que você estava trabalhando na Scala.**

**Maurício** - Não, nessa época a charge ainda...eu cuidava só do desenho.

**Entrevista - Ainda não era uma coisa que você pensava?**

**Maurício** - Não, não. Nessa época eu tava mais envolvido com a propaganda mesmo, com a publicidade.

Mas...aquela coisa de voltada pra expressão gráfica foi que me fez voltar de novo pro jornal. Me levou pra agência, me trouxe de novo pro jornal, pra fazer, por exemplo, projetos gráficos. Quando a Wânia Dummar (jornalista, mulher de Demócrito Dummar) fez um tablóide pro Center Um, que era o primeiro shopping...aí, ó! (abrindo um sorriso): primeiro shopping center da cidade! Center Um mereceu, na época, um suplemento. Nesse suplemento, como eu trabalhava na agência de propaganda, a Wânia Dummar pediu um projeto gráfico pra esse "Center News", que era um caderno tablóide direcionado para as vendas do Shopping Center Um. Mais tarde, essa idéia de fazer esse tablóide me serviu de referência pra fazer um projeto gráfico pro O Povo, isso já em 1982, baseado nesse trabalho. Porque o Center News a gente deu um tratamento de revista, um negócio assim mais revistado.

**Entrevista - E me diz uma coisa, Maurício, quando é que foi que se estabeleceu a charge como forma de expressão sua?**

**Maurício** - Pronto, lá vai eu de novo pra programação visual, né? Fiz esse Center News e serviu de referência pra fazer também o "Fame", do Lúcio Brasileiro. E houve a preocupação também de ter um tratamento gráfico melhor. E largou pra mim e pra agência (nesse tempo eu trabalhava em agência) e fiz esse projeto gráfico pro Fame. No Fame, o Neno estreava também...

"O Maurício? É o maior galinha da publicidade! Foi fundador da Scala em 68 no Ceará. Ele sempre foi um 'bom vivant', muito antenado com o que acontece ao seu redor". Xyco Theóphilo, da Terraço Publicidade.

porque o Neno era então secretário do Lúcio. A partir do Fame que o Neno ficou "independente", cortou o cordão umbilical e fez sua própria coluna, né? E nessa coluna do Neno que estreou no Fame é que eu fazia a charge, que eu estreei como chargista. Aqui, acolá, tinha uma ilustração pro Fame. No Fame, eu fiz também uma coluna que o Lúcio pediu, de publicidade e propaganda. Fiz uma chamada "Sociedade de Consumo". Abordava a propaganda, mas de maneira diferente. Assim, mais pro lado consumista da cidade, da propaganda. "Sociedade de Consumo" estreou também no Fame e a charge estreou também na coluna do Neno. Daí foi que começou a idéia de fazer charge.

**Entrevista - Quem eram teus ídolos na época?**

**Maurício -** Quando? Em quadrinho?

**Entrevista - De charge, de quem fazia charge?**

**Maurício -** Nessa época era Ziraldo, esse pessoal...

**Entrevista - Quem você tinha vontade de copiar estilo?**

**Maurício -** Ziraldo, Ziraldo. O próprio Mino, né? Era que a gente tentava... achava o traço legal.

**Entrevista - Maurício, é porque eu queria fazer uma colocação para poder iniciar a pergunta. Porque, por exemplo, a charge, que a gente estudou um pouquinho é uma coisa eminentemente jornalística e que está vinculada à atualidade e à opinião, certo? Quer dizer, é uma crítica humorística, de um fato ou acontecimento específico. E você colocou que trabalhava com a charge junto com a publicidade. Então, até que ponto a gente pode considerar como sendo charge e não como ilustração propagandística, por exemplo, a vender determinado produto?**

**Maurício -** Porque na época, eu já não fazia jornalismo, daí eu tinha essa coisa de jornalismo, aquela veia jornalística. Daí a idéia de fazer a charge, já que eu não ia totalmente pro jornal, a charge era uma maneira de tá dentro do jornal.

**Entrevista - Quais eram os conteúdos destas charges que você fazia?**

**Maurício -** Eram sempre críticos, né? Porque a charge do Classificado era mais livre, mas na época que eu fazia, por exemplo, a charge pra Coluna É, tinha que ser mais factual, como a charge da segunda página. Mais em cima do fato... Mais temporal também. Já a charge do Classificado é mais livre, mais solta; posso só pegar uma

situação, posso fazer o remake de uma charge velha... Tenho mais liberdade na charge do Classificado. Porque a charge do Classificado não tem compromisso, ela é apenas uma situação engraçada. Não tem compromisso de ser crítica, apesar de às vezes ela ser crítica. Mas a charge do Classificado é diferente da charge, por exemplo, do Sinfrônio (chargista do jornal Diário do Nordeste).

**Entrevista - E de onde sai a inspiração pra suas charges?**

**Maurício -** (abre sorriso) A coisa flui. Porque... achei uma vez uma coisa interessante: perguntaram pra uma escritora por que ela tinha facilidade de escrever. Aí ela disse: "Olha, quando você faz uma coisa, ou é fácil ou é impossível". Ou você faz ou você não faz. Então, a charge ela

**"Não, não. Nunca fui censurado. Ou, às vezes, quando é censurado, disseram que extraviou, né?"**

flui, às vezes eu faço a charge num espaço curto. Eu chego em casa pra almoçar, tem que fazer uma charge. Aí, eu subo, e tento criar alguma coisa. Aí, a coisa flui, não tenho tempo pra tá...

**Entrevista - Mas, Maurício, a gente conseguiu levantar (inclusive a gente deu sorte do Ayrton Monte (cronista do jornal O Povo) escrever no artigo dele a experiência do Pixote, que era um jornal que vocês faziam e que tinha referência no Pasquim. Era uma época de forte contestação, forte atuação política. Então, você fazia charge no Pixote, como era sua charge naquela época, como foi que se deu esse salto, de fazer uma coisa crítica, forte, pra partir pra algum mais "light", que era a propaganda e o humor...**

**Maurício -** Por exemplo, o Pixote já tinha esse compromisso de ser um jornal crítico, tinha uma postura de defesa de interesses sociais, essa coisa toda. Mas eu entrei pro Pixote mais como programador visual também. Fazer a distribuição do Pixote. Mas como no Pixote a gente fazia tudo, eu também fazia charge, afora a programação visual, assim como o Newton Silva (chargista do Diário do Nordeste) também fazia...

**Entrevista - Maurício, você colocou no início que o chargista que lhe influenciou foi o Ziraldo, que era extremamente crítico. E politicamente atuante. O Pixote também era um jornal que tinha essa característica, inclusive todo mundo que trabalhava no Pixote fazia aquilo por prazer, não tinha interesse econômico nenhum. Você, hoje em dia, faz outro tipo de trabalho, mais ligado à publicidade. Você sente falta da charge desse lado crítico?**

**Maurício -** A charge do Classificado, como eu já falei, é uma charge mais leve, solta, ela não se preocupa em ser crítica, analítica, a preocupação é fazer uma situação engraçada, né? Quando a coisa é mais levada pra crítica, mais pra cima de um fato, aí eu faço a charge pra Coluna É, do Neno. Não sai no Classificado, ela vai pronta pra Coluna É (Coluna de Neno Cavalcante, no jornal Diário do Nordeste).

**Entrevista - Mas como é que você diferencia esse trabalho, você sente, digamos assim, mais prazer... você sente falta dessa charge mais crítica, mais engajada?**

**Maurício -** É porque a charge mais crítica é até mais fácil, né? Porque tem assuntos demais, política, as palhaçadas que os políticos fazem, sempre dá motivo pra charge. Você quer criticar quem quer, é uma maneira de você dizer que tá contra. E é fácil, a charge mais crítica, a charge mesmo, às vezes eu prefiro até fazer esse tipo de trabalho no próprio Classificado, mas a identidade da charge no Classificado não é essa. Até porque eu faço a charge pra Coluna É. E continuo a fazer a crítica, eu acho legal fazer a crítica do É, você tem necessidade de fazer como atuação sua.

**Entrevista - Quando você fala que é mais fácil fazer a charge, surge um questionamento: a gente sabe que a charge tem um papel muito importante no universo jornalístico; que ela consegue passar uma opinião, um conceito muito mais forte do que o editorial, do que até mesmo uma matéria. Então, você nunca sofreu nenhum tipo de censura nessa época mais atuante, do seu fazer de charge?**

**Maurício -** Não, não. Nunca fui censurado. Acho que... (risos). Uma colega de trabalho se senta à mesa da entrevista, a fim de ouvir a resposta). Ou, às vezes quando é censurado, disseram que extraviou, né? "Por que não puseram a charge? Ah, porque se perdeu lá na fotomecânica"...



Maurício é casado com dona Teresinha há 30 anos. Ela era vizinha de uma tia de Maurício, que a convidou para uma festa de Santa Luzia, numa casa da Luciano Carneiro. A casa dos pais de Maurício

Do casamento, nasceram Sérgio Ricardo (com 26 anos) e Cristina (20 anos). Dona Teresinha diz se não dá freio, Maurício libera os filhos mesmo.



Dona Teresinha diz que, às vezes, precisa dizer a Maurício para manerar o ritmo de trabalho, sempre puxado. Mas confessa que o marido gosta do que faz.

**Entrevista** - É isso que, às vezes, eu me questiono.

**Maurício** - O...sim?

**Entrevista** - Não, complete seu raciocínio.

**Maurício** - (risos) A charge...Eu te falei que a charge política, a charge crítica, é mais fácil porque é em cima do factual, todo dia acontecem fatos que dão origem à charge. Pela própria dinâmica da comunicação, dos acontecimentos. Do acontecimento político, do acontecimento social, é sem-terra, é política, é um mundo farto pra charge.

**Entrevista** - É isso que eu me questiono: a gente pode considerar, vamos dizer, o desenho que sai nos Classificados como charge?

**Maurício** - Ou cartoon, né? Que segundo a definição de charge, do francês, é carga, ou crítica. E o cartoon já é uma coisa, uma situação engraçada...

**Entrevista** - É, inclusive a gente levantou que o José Marques de Melo (jornalista e estudioso de Comunicação Social) coloca até que a História em Quadrinhos não pertence ao universo jornalístico por ser uma coisa que tá ligada mais ao imaginário...

**Maurício** - E todo jornal tem quadrinhos, tiras...Até os jornais do sul têm suplementos de quadrinhos, "O Globo"...

**Entrevista** - Maurício, como é que você se sente sendo um jornalista que foge do convencional, expressando seu pensamento através de imagens e frases curtas, de caráter humorístico? Como você colocou, no começo você tinha paixão por jornalismo, você queria ser um repórter, mas você acaba fazendo uma coisa completamente diferente. Como você se sente?

**Maurício** - Qualquer forma, qualquer maneira, é uma forma de participar, né? Já que você não pode fazer um texto ou uma matéria mais longa, você faz uma charge ou uma crítica em forma de charge. É uma forma de você participar. Com essa coisa que você tem de querer ser jornalista, e já que você não tem o texto pra redigir, você entra com a charge. É uma espécie de substituto do texto.

(O professor Ronaldo Salgado, nesse momento, intervém, dizendo que há um diretor do Diário do Nordeste querendo falar com Maurício Silva. O recado veio através de bilhete. Maurício brinca, dizendo que se for aumento salarial, vai já lá. Resolve deixar pra depois da entrevista, a fim de não perder "o fio da meada").

**Entrevista** - Mas, voltando pra pergunta da Ana Paula, Maurício, eu não sei se ficou bem clara pras pessoas. Você considera hoje o seu trabalho...  
**Maurício** - ...jornalístico?

**Entrevista** - Jornalístico? É um cartoon? Você tava começando a explicar essa diferenciação.

**Maurício** - Porque eu continuo participando, né? Você faz uma crítica, é publicada no jornal, as pessoas vêem. Você mexe com a opinião pública. Quando a charge é mais crítica, eu já disse, jogava lá pro outro espaço que ficava mais adequado. Fica mais pertinente a Coluna do É do que a charge do Classificado, inclusive uma charge comercial, patrocinada. Mas há sempre uma vivência do jornalismo, você tá sempre amarrado. Porque o que você publica a sua idéia num jornal que é impresso e distribuído e circula e a opinião pública vê.

**Entrevista** - Maurício, eu acho que a charge tem uma força muito grande,

**“Já que você não pode fazer um texto mais longo, você faz uma charge ou uma crítica em forma de charge. É uma forma de participar.”**

no sentido de que, por exemplo: você chama o governador de ladrão numa charge, mas você não pode dizer isso em palavras...

**Maurício** - No texto, né?

**Entrevista** - Quer dizer, isso tem um impacto muito grande e as pessoas que trabalham com isso, de alguma forma, sofrem alguma represália. Você nunca se sentiu assim, até mesmo, por exemplo: a equipe do Pixote, a maioria, teve problema com a ditadura. Até o Pixote acabou de uma forma...

**Maurício** - O próprio Pixote saiu de circulação devido a essa coisa de censura (pausa). Não houve censura muito forte, não. Algumas vezes, por exemplo, aconteceu de...não, raras vezes, de a charge não sair, desaparecer, se perder lá pela fotomecânica...Mas, não houve assim de "chamada de pessoa", "de recomendação pra não fazer aquele tipo de tratamento"...(pausa).

**Entrevista** - Você não sente falta de...

**Maurício** - Agora, a charge, por exemplo, algumas vezes a própria charge do Classificado, que é uma charge leve, descontraída, recebe crítica. As enfermeiras, a Associação das Enfermeiras já uma vez escreveu criticando uma charge que tinha saído, que achou que tinha depreciado o papel da enfermeira. Não entendeu a idéia da brincadeira, né? Que ali é mais uma situação engraçada, e não uma discriminação contra alguém. Contra um profissional qualquer...Mas mandaram da Associação das Enfermeiras uma carta, fazendo essa referência a uma charge que tinha sido publicada com o tema de uma enfermeira...

**Entrevista** - Mas, Maurício...

**Maurício** - Deixa só eu contar como era a charge: era uma enfermeira que chegou com a roupa toda dessarrumada e o médico dizendo: "Como é, o paciente ainda está sem querer comer?" A enfermeira: "É, teve uma melhora espetacular". (risos) Ele achou que tinha...pela roupa dessarrumada da enfermeira...

**Entrevista** - E a sua charge é voltada para que público? Você visa algum público em especial?

**Maurício** - Não... mas tem a característica mais popular, não é elitizada, sem sofisticação.

**Entrevista** - Maurício, qual a função da charge no Classificado?

**Maurício** - Quando o Neno iniciou com a Coluna É, precisou de um chargista, aí pá, eu já tinha tido aquela experiência com ele no "Fame" e ele me chamou pra fazer a charge, e eu fiquei fazendo a charge do É, pro Neno. Depois de um determinado tempo, o próprio Neno levou a proposta pra diretoria: "Rapaz, o cara tá fazendo charge aqui, tem que ser contratado". Aí, me contrataram, o jornal me contratou como chargista. Aí, como a coisa de chargista é interessante: não havia classificação "chargista", né? Eu fui lá no Departamento Pessoal pra assinar a carteira como "chargista", mas não havia essa denominação. Aí assinaram minha carteira como repórter. Porque o piso equivalia ao piso de repórter. Não havia essa classificação de chargista.

Aí, eu comecei na Coluna É como chargista. Da coluna, eu fiz algumas incursões pra segunda página, quando o Glauco Bezerra - que era o chargista principal do jornal - do Diário, o Glauco ficava de férias, eu ocupava a segunda página. E de repente, me jogaram só pra segunda página. Pra onde é que se encontra a charge oficial do jornal. Que é a "charge", a expressão. E eu fiquei

O primeiro vestibular que tentou foi pra Arquitetura. Não passou. O segundo foi para o "Curso de Jornalismo", da Universidade Federal do Ceará. Passou.

fazendo um tempo a charge ali, até que o jornal contratou, tirou lá do jornal O Povo, o Sinfrônio. E o Sinfrônio voltou a ocupar a charge principal do jornal. E eu fiquei sem espaço. Já tinha saído do "E", já tinha ido pra segunda página, e agora, sair da segunda página... (abre sorriso). Daí, eu tive a idéia de fazer pro Classificado. Fui falar com o Hermírio (Hermírio Vieira), que era editor do Classificado: "Hermírio, vamos fazer uma charge pro Classificado?" No início, quando a charge entrou, ela tinha uma proposta de chamar a atenção pra um produto, era direcionada pra um produto que era anunciado no Classificado. O caderno Classificado tem mil artigos ali, todo mundo pensa que ele só vende casa e automóvel, quando, na realidade, o Classificado vende tudo. E, por exemplo, a gente pra chamar a atenção pra esses produtos, que as pessoas pensavam que não entravam no Classificado - e entravam, né? - é que a gente teve a idéia de - e o Hermírio topou - de se fazer uma charge pra chamar a atenção pra um determinado produto lá dentro do Classificado.

*Entrevista - Essa idéia da charge dos Classificados foi sua?*

**Maurício** - Essa idéia foi minha. É porque eu tava sem espaço. Era pra chamar a atenção para um produto. Tem determinados produtos interessantes, que eram anunciados nos Classificados, que mereciam uma charge. Você vê que as primeiras charges tinham esta proposta.

*Entrevista - Sim, mas aí a gente pode dizer que era o espírito do chargista jornalista tentando sobreviver ou era o espírito arguto do publicitário querendo fazer uma novidade?*

**Maurício** - As duas coisas ao mesmo tempo, em termo de sobrevivência, porque eu não tinha mais espaço; o Neno já tava ocupado com o Newton Silva, e o meu espaço, que era no primeiro caderno, foi ocupado pelo Sinfrônio, que foi contratado pra fazer a charge eletrônica na televisão (tevé Verdes Mares, canal 10, do mesmo grupo do Diário do Nordeste) e a charge do Diário.

*Entrevista - Mas isso te incomoda?*

**Maurício** - Não (firme). Eu criei o meu espaço, né? Se eu não encontrar um espaço aqui, eu vou abrir um espaço, meu.

*Entrevista - Agora é interessante perceber que o seguinte: que nessa parte do jornalismo, você tá sempre vinculado ao Neno, né? Você estreou na*

*coluna "Biba", lá no caderno "Fame", e tem a parte da Coluna É.*

**Maurício** - É porque ele (Neno Cavalcante) me puxou, né? Já que eu já tinha feito aquela charge pra ele na coluna Biba... "Biba", a coluna do Neno no Fame.

*Entrevista - E ainda teve o Pixote, né?*

**Maurício** - É. Eu tomei a idéia de já tá lá. Já tinha trabalhado com ele no Fame, ele veio pro Diário, surgiu a idéia de ilustrar (a coluna) com uma charge e ele pensou logo: "Maurício. Eu vou trazer o Maurício pra cá." Aí, ele me chamou.

*Entrevista - Então, é ele que não vive sem a charge.*

**Maurício** - (risos) É mesmo. Ele já tentou, agora que eu fui pro Classificado, o Neno ficou sem o Newton Silva. Você vê que ele repete demais, a charge, porque não tem chargista, e

## "O jornalista antigo era aquela coisa de fazer jornalismo na mesa de um bar. Jornalismo de curtição, né?"

o jornal não contrata um chargista, o que seria mais um (pausa). Aí, então, eu criei pro Neno aquele "netscape", que é uma janela, tipo de computador, e ele podia abrir com outros assuntos, que era uma charge. Deu um tratamento gráfico, já que a charge é uma coisa gráfica.

*Entrevista - Maurício, mas essa coisa de ser substituído, de buscar um outro espaço, significa mais ou menos que existe espaços pré-determinados, "o mercado é muito fechado", existe uma janela ou qualquer coisa assim? Um chargista que esteja querendo se lançar hoje, ele vai ter espaço?*

**Maurício** - Ele tem que criar um espaço. Como é que ele vai tomar todos os espaços ocupados, né? Porque um chargista... Os jornais de Fortaleza são diferentes, você vê nos jornais do eixo Rio-São Paulo as charges são alternadas. Não é só um chargista que faz. Já aqui não, já há esse predomínio de um chargista só. No Diário, é o Sinfrônio; no Povo, é o Clayton.

*Entrevista - Então, tem que ser criativo, se não...*

**Maurício** - Aí, no meu caso...

*Entrevista - Mas a questão é essa, é ser criativo?*

**Maurício** - Acho que é uma questão de humor. Você viu, na época eu fazia a charge da segunda página, quando surgiu a idéia de contratar o Sinfrônio. O Sinfrônio já tinha experiência no O Povo de vários anos. Que, no meu caso, era um chargista novo, não tinha um nome, não tinha se projetado, ainda tava engatinhando. E, aí, é claro que a preferência foi colocar o Sinfrônio no segundo caderno, quer dizer, na página dois, né?

*Entrevista - O espaço na página dois é o espaço que todo chargista sonha?*

**Maurício** - (sorrindo) Busca, né? Acho que tem mais prestígio a página dois. Você tem uma posição mais atuante em termos de comunidade. É mais séria. Uma charge "séria", ó? (sorrindo) Uma charge é mais séria no "dois" do que no Classificado.

*Entrevista - E, Maurício, você se autodefine como publicitário ou chargista?*

**Maurício** - (rindo) É aquela coisa do... É o "faz tudo", né? Que eu faço texto, faço criação...nunca me defini assim, por se especializar em direção de arte, ou se especializar em texto. E nas próprias agências que eu ia trabalhar, eu ocupava essas funções de redação e de direção de arte. Engraçado que uma dupla de criação é formada por um redator, e um diretor de arte. e realmente o criador é o cara da redação. Quando poderia acontecer o contrário, quando o criador ser o diretor de arte. A palavra pesa mais forte do que o desenho, no caso do que com uma ilustração gráfica. Não é isso? Você vê que os criadores das agências são os caras da redação. Faz dupla com um diretor de arte, que é o cara da arte gráfica. Quando sai "criação", aí sai o nome do redator, no crédito do anúncio. Quer dizer, a palavra pesa mais do que a imagem.

*Entrevista - Maurício, esse processo de informatização: você teve dificuldade pra se adaptar a essa evolução?*

**Maurício** - Não. Hoje você imagina assim: "Puxa, como era que a gente conseguia fazer as coisas antes do computador?" É verdade, antigamente... Quando eu fui fazer o projeto gráfico do O Povo, na época em que o Povo sofria concorrência feroz do Diário, que tava chegando com uma proposta nova, aquela coisa toda. E o Demócrito cuidou de dar um tratamento gráfico melhor por jornal. Ti-



Depois da alegria de ter passado, ligaram para casa de Maurício, avisando que o curso havia sido extinto por falta de espaço. A turma se movimentou e tomou um prédio no centro da cidade

Não deu para disfarçar a vaidade em ser entrevistado, mesmo tendo demonstrado surpresa e um "eu não tenho nada de interessante pra contar". Maurício havia feito sua própria pauta para a entrevista, que, segundo ele, cumprimos direitinho!



Maurício parecia, às vezes, seguir realmente sua própria pauta pois algumas respostas que dava não eram bem das perguntas que fazíamos.

rou um cara de agência, no caso que tinha uma certa experiência de programação visual, pra fazer esse projeto gráfico pro O Povo. Quando eu fiz esse projeto gráfico, foi todo artesanal, as letras, os títulos eram recortados. Essa idéia de botar um título com dois tipos de letras diferentes, naquela época a gente copiava a letra, levava pro laboratório, copiava lá o tamanho, colava na página, todo artesanal. Hoje, o computador faz com a facilidade enorme. Pra você alinhar o texto pra uma foto, tinha que fazer a composição, recortar, mandar um cara da arte montar... Você já imaginou fazer um título do jornal como a gente tentava fazer? Porque o tratamento que a gente dava na época era mais pro segundo caderno, o "Vida e Arte" da época, né? Então, a capa do Vida e Arte montava letra por letra, na época, pra se conseguir um tratamento gráfico melhor. Usar um recurso que hoje é usado facilmente, um título com duas fontes... Eu recortava foto de artista; recortava, fazia montagem, tudo à mão: montava a página à mão, o diagramador mandava bater o texto, chegava o texto e não dava no espaço (sempre havia erro de cálculo). Já pensou, hoje tu bate tudo bem bonitinho! Sabe o que é que fazia, sabe o que é que fazia? Chegou o texto aqui, a página todo montada, as fotografias, os títulos. Vem os textos batidos: ia colar aqui (mostra com folhas de papel o exemplo) e sobrava um tantão assim de texto. Cortava. O que achava menos interessante cortava. Antes de encaixar. E o redator? Deve tá injuriado, né? Cortaram justamente a melhor parte do texto! (abre sorriso).

**Entrevista** - Você conviveu, você passou pela universidade, e conviveu com uma geração de jornalista que não passou.

**Maurício** - É, exato.

**Entrevista** - Você sente uma diferença, ideológica, de postura, dessa geração mais jovem que vem do curso e dessas pessoas que começaram no batente?

**Maurício** - É porque o jornalista antigo era aquela coisa de fazer jornalismo, digamos, na mesa de um bar, né? Jornalismo mais de curtição. E não científico. Mas acho que as duas gerações se conciliaram numa boa. É tanto que sobreviveram. Você vê, o Lúcio Brasileiro não passou por banco de jornalismo (pausa). Acho que o próprio Neno não passou, ou se fez...

**Entrevista** - Mas como é que era feito esse jornalismo de curtição?

**Maurício** - Eu digo "curtição" aquela coisa feita com gana de fazer, de curtir mesmo. Curtir o jornal. Era feito com intuição, porque você não tinha esse fundamento científico, ainda, no tratamento da notícia... Você vê hoje, no tratamento da notícia, você vê a notícia no jornal e tem bloquinho que dá a síntese da notícia: o olho da notícia você já tem a síntese da notícia ali, já tem uma preocupação mais científica, já tem uma...uma preocupação, por exemplo, com a pessoa que não tem muito tempo pra ler um jornal, todo, você lê aquele bloquinho, já satisfaz; ou se quiser mais, você vai fundo no resto da matéria. Já tem um tratamento que não havia na época. Na época era redigido mesmo sem estilo pirâmide, sem nada.

**Entrevista** - Mas você sente a diferença de conteúdo?

**Maurício** - Não, porque na realidade

**“Como forma de superar até a própria timidez, com a charge eu posso fazer uma brincadeira, uma curtição, que não faria conversando ou falando.”**

eu me separei do jornalismo nessa parte de redação. E eu me enveredei por propaganda e por parte comercial e por charge. Eu fiquei mais isolado dessa coisa de jornal. Fico mais ligado na parte de tratamento gráfico de jornal, de conteúdo, já não. Já não procuro criticar tanto, analisar (pausa).

**Entrevista** - Mas, Maurício, o uso da imagem, principalmente dentro do jornalismo, influencia um público bem maior do que aquele dedicado à leitura, como você mesmo acabou de colocar. Você considera isso uma responsabilidade muito grande, um fardo muito pesado de se carregar?

**Maurício** - O tratamento da imagem?

**Entrevista** - É, ao lidar com a imagem...

**Maurício** - É, porque hoje a notícia tem que ser, por exemplo, no tratamento gráfico, a notícia tem que ser atraente. Você recebe um bombardeio de comunicação por todos os lados, de repente você vai olhar um jornal e a notícia não é atraente, você não desperta. Então, há a necessidade da notícia se tornar atraente também gráfica-

mente, e não só pela parte da manchete ou...A pessoa que é mais ligada à propaganda, vê mais essa coisa, de recurso gráfico quando que outras talvez vejam mais só o conteúdo, nem liguem pra coisa gráfica.

**Entrevista** - Maurício, uma coisa que foi muito forte quando a gente entrevistou as pessoas pra saber um pouco de você, é que elas colocavam muito o teu jeito de ser como uma pessoa "astral". Então, a gente gostaria de saber se as charges que você faz, as ilustrações, a imagem que você utiliza, se elas representam um pouco o seu jeito de ser: quem está por trás do chargista Maurício Silva, como você se define?

**Maurício** - É exatamente essa imagem de descontração, de... (pausa longa). É...uma pessoa brincalhona, espírito moleque. Mas é que pesa aquela coisa que eu falei no começo também da timidez, talvez eu tenha usado a expressão gráfica pra fugir da timidez. Já que não saberia usar com mais propriedade a palavra do que a coisa gráfica. Eu usei mais a coisa gráfica como forma de expressão. Como forma de superar até a própria timidez. Com a charge eu posso fazer uma brincadeira, uma curtição, que não faria conversando ou falando.

**Entrevista** - Mas o interessante é isto: você se considera tímido. E como é que é tão conhecido assim? **Maurício** - (riso).

**Entrevista** - A pessoa tímida é uma pessoa retraída, né?

**Maurício** - "Quando você confessa a sua timidez, você deixa de ser", né? Como o cara disse aqui, né? Eu tô confessando e não deixo (risos). E essa charge aí? (Maurício pergunta ao ver um papel com algumas charges do Classificado coladas).

**Entrevista** - Essas charges aqui são a nossa coleção. É fácil, Maurício, manter o bom humor longe da caneta e do papel?

**Maurício** - É. Sou brincalhão, gosto de tratar todo mundo de brincadeira. Por exemplo, a Anailsa Maia de Oliveira, que é secretária do Ribeiro (diretor comercial do Jornal Diário do Nordeste), ela tava criticando a charge porque ela tava achando...ela falando bem séria comigo: "Maurício, eu tive analisando as tuas charges e tô achando que cinquenta por cento delas tá abordando sexo". Aí eu fiquei preocupado também: "É mesmo? Vamos tratar de aumentar isso pra setenta". (risos).

Maurício sorria timidamente em quase todas as respostas que dava. Nas que não sorria, silenciava, pensava e meio que "encabulado" respondia.

**Entrevista** - Mas você se preocupa com tema, tipo "ontem eu falei de sexo, hoje eu tenho que falar de outra coisa"?

**Maurício** - Não, não, não, é alguma coisa que flui, uma idéia que as pessoas dão, por exemplo (diz, apontando uma das charges selecionadas pela equipe de produção): essa coisa aqui, do bar aqui, ô, essa idéia da "minha mulher me pegar no bar" foi dois caras lá da Arte, o Lima e... (corrigindo) dois caras da revisão, o Lima e o padre Zé (José Lima e José Carlos Cavalcante). Que eles dois gostam de ir pro bar e tudo, e a mulher vai buscar um e "rapaz, aproveita e manda logo tua mulher levar o outro"; "por que tua mulher não leva logo o Lima, que aí tu só dá uma caminhada". Aí eu boleei essa charge aqui. Algumas coisas nascem assim, do factual.

**Entrevista** - Você rouba muita coisa do cotidiano?

**Maurício** - Roubo, agente pinça muito do cotidiano.

**Entrevista** - É isso que o Xyco Théophilo... (publicitário da Terraço Publicidade, amigo pessoal de Maurício Silva).

**Maurício** - Porque se não é assim, perde a contemporaneidade.

**Entrevista** - ... disse que você é uma pessoa muito atenta com tudo que acontece. Você busca isso?

**Maurício** - Sempre busco também, sempre procuro, sempre procuro ver fatos... se bem que os fatos são muito contundentes, pra dar charge. Você vê a todo instante falcatura de político, corrupção, não sei o quê, clone, clonagem, um tema bom pra charge, não é? Sempre tem um fato forte que gera a charge.

**Entrevista** - Já disseram que o Brasil é o melhor país pra se vivenciar na profissão de chargista.

**Maurício** - Você vê que quando saiu a notícia da clonagem, da ovelha, todo chargista fez uma charge com o tema clonagem. São temas bons, fáceis.

**Entrevista** - Isso é positivo ou negativo pro chargista: ter tanto...

**Maurício** - "Manancial", é? (abre sorriso). É bom. Isso tem é... pra você se inspirar, você não tem que fazer todo dia uma charge?

**Entrevista** - Com o lado da desgraça, né?

**Maurício** - (riso) O lado da crítica, né? É uma forma de se criticar. Por exemplo, na época da inflação, todo dia tinha uma charge de preços que

subiam... É tema forte a inflação, aí pronto. Acabaram a inflação, não se faz mais charge com inflação.

**Entrevista** - Aí, os chargistas lamentaram porque acabaram a inflação...

**Maurício** - Perderam o tema! Foi bom, mas perdemos o tema. A clonagem, a charge que eu fiz da clonagem era do cara chegando em casa bêbado, a mulher esperando com esse trocinho aqui de amassar pastel (diz, abrindo sorriso e apontando pra charge) uma imagem característica, e o cara chegando em casa bêbado, a mulher esperando. Aí ele olhou, viu duas mulheres, aí disse: "Tô perdido. Clonaram a minha mulher!" (risos). Ele viu duas imagens, tava bêbado...

**Entrevista** - Eu queria voltar um pouquinho pra publicidade. O Xyco. Disse que você "fundou a publicidade no Ceará".

**Maurício** - Não, era coisa de...

**Entrevista** - E que você mesmo falou, nas suas palavras, que "peregrinou" pelas agências de publicidade.

**“Como todo redator de propaganda é um escritor frustrado, todo mundo comprou essa idéia de fazer um conto.”**

**Na T & E, qual foi sua experiência lá? Foi maior que na Scala?**

**Maurício** - Não, você viu que eu falei da Scala aqui como uma agência que procurava ter um referencial diferente, não queria ser uma agência de varejo, queria ser uma agência com uma proposta de agência mesmo, com diretor de arte, com diretor de criação... A Scala, por exemplo, foi uma das primeiras a criar uma estrutura. Por exemplo: tinha laboratório fotográfico, tinha estúdio de fotografia... A Scala chegou a ter três fotógrafos contratados. No caso, era o Nelson Bezerra, o José Albano e o Capibaribe Neto, aqui, do Diário. A Scala tinha estúdio profissional de fotografia.

A Scala absorveu essas indústrias nascentes e exatamente por isso que ela tinha essa estrutura de fotografia, porque, na época, surgiu... Engraçado, na época não tinha inflação, ô! Tinha reembolso! A gente fazia reembolso para Francolares e pra Mundica Paula

(loja de roupas femininas). Catálogo de reembolso. Era um reembolso tipo Hermes (catálogo de roupas masculinas e femininas), só que esse teve mais recurso, era mais cuidado; o aspecto gráfico tinha um tratamento melhor do que o Hermes. As fotografias eram mais bem elaboradas, modelos escolhidos. Então o reembolso Francolares e Mundica Paula era um catálogo de produtos bem feito pra época, bem produzido, a impressão era feita fora do Estado. A fotografia era feita aqui e a produção de arte também, mas a impressão era feita fora.

Quando eu sai da Scala pra T & E, foi exatamente em cima dessa experiência que eu tinha de reembolso. A T & E, que era a agência do Tarciso Tavares, tava querendo fazer com as Casas Pernambucanas também um processo de reembolso. E era um catálogo semelhante ao que a gente fazia pra Mundica Paula. E como aquela experiência que a gente tava fazendo com a Mundica Paula tava sendo acertada, eles me levaram pra T & E fazer esse projeto gráfico pro reembolso das Casas Pernambucanas.

Era um reembolso de peso, circularia no Nordeste todo. Era uma impressão alta, também era impresso em São Paulo, o diretor de arte tinha direito a quinze dias em São Paulo pra cuidar da coisa gráfica... (Maurício sorri, fazendo referência a si mesmo). E daí, eu sai na realidade da Scala mais pra atender essa necessidade da T & E e fazer também um reembolso com o cliente dela. Mas a T & E, na época, era uma agência que tava crescendo. Pra

ter uma idéia, a T & E ocupava na época três andares num edifício. Tinha vários departamentos, todo estruturado.

**Entrevista** - Como é que tá o mercado publicitário?

**Maurício** - Hoje? Hoje a propaganda cearense vai bem, obrigado. Porque já temos bons exemplos, a Mark Propaganda, a Slogan, temos agências de peso. A própria SG, do Assis Santos. E hoje, a coisa é feita mais cientificamente. Já tem mais recursos. Hoje não se precisa mais viajar pra São Paulo pra fazer um catálogo. Quem mandava buscar composição em Recife ou São Paulo. A agência como a SG, por exemplo, era toda auto-suficiente. Era na própria agência que tem todos os recursos de impressão, de tipia, de computação, de produção eletrônica... Os comerciais eram gravados na própria agência. Tem uma estrutura, assim, que ela fica auto-suficiente, nada dela era



Maurício vestia camisa de listras por fora da calça brim azul, dockside e meias estampadas. Estava de óculos de grau no lugar das lentes de contato, em virtude da operação.

Tinha firmeza nas respostas que estavam na sua pauta, mas quando falávamos de assuntos que ele não havia imaginado parecia, às vezes, querer fugir



Em duas ocasiões da entrevista, Maurício se confessou tímido. Segundo ele, era esse o motivo de se expressar tão bem no desenho e menos em palavras.

lançado por fora. "Mata" dentro da própria agência.

**Entrevista - Maurício, voltando mais pro lado pessoal, novamente, em 1983, você escreveu o seguinte, num livro de contos chamado "O conto na propaganda": "que é um ser humano de bem com a vida, acredita no que não vê, leva fé nas pessoas, otimista, está do lado de quem acha que o Nordeste é viável, a coisa vai melhorar" (enquanto um dos componentes da produção vai lendo a autodefinição do próprio Maurício, o entrevistado sorri, achando graça). Então, você ainda se considera essa pessoa otimista, como você colocou, mas que é tão difícil nos dias de hoje...**

**Maurício -** (Pega a xerox do conto "A primeira vez", escrito por ele, onde está sua autodefinição). É. Você vê, a pessoa amadurece e continua o mesmo (risos). Esse livro aqui foi uma idéia que eu desenvolvi lá no O Povo, de tentar reunir, de fazer essa interação entre as agências, né? Como todo redator de propaganda é um escritor frustrado, é uma pessoa que tem vontade de fazer redação de texto não-comercial, todo mundo comprou essa idéia de fazer de fazer um conto. E aqui, a coisa foi mesclada: um redator escrevia um conto, um diretor de arte de uma outra agência ilustrava. Exatamente pra haver essa interação. O redator era de uma agência e o ilustrador de uma outra agência. Na época, eu não trabalhava em agência, eu trabalhava no O Povo, mas eu entrei aqui (no livro de contos)...

**Entrevista - De gaiato.**

**Maurício -** De gaiato. Porque um dos caras falou. E o livro pra fechar não tinha esse texto, aí eu fiz, pra fechar em vinte contos.

**Entrevista - Maurício, agente descobriu, ano passado, uma reportagem que saiu, no próprio Diário do Nordeste, que nos seus onze anos de charge, você estava planejando para dezembro lançar um livro contendo as suas melhores charges.**

**Maurício -** É.

**Entrevista - Então, quando agente vai ter a recordação de um livro com todas as suas charges na nossa biblioteca?**

**Maurício -** Vai ser feito esse livro. Ainda este ano eu tenho a idéia de juntar esse material antes que se extravie, se perca ou se desatualize... (pausa).

**Entrevista - Como é que você tá selecionando esse material?**

**Maurício -** Ainda não selecionei, não (risos). Todo material tá guardado. É só uma questão de "essa vai, essa não vai".

**Entrevista - Não vai ser um processo doloroso, não?**

**Maurício -** É...

**Entrevista - É porque estavam dizendo que você não guarda seus originais.**

**Maurício -** O próprio jornal é que guarda, ali. O Moacir (Moacir Araújo Lima, programador do caderno Classificados), que é quem coordena os Classificados, ele é quem guarda a charge que sai nos Classificados. Mas tem todas guardadinhas. Esse livro aqui não tenho! (diz, referindo-se ao livro "O conto na propaganda"). Perdi.

**Entrevista - Maurício, a gente vê que você é o tipo de pessoa à procura de**

**"Acho que o leitor de quadrinho é assim, fiel. E tem aqueles que se apaixonam, como aquele cidadão ali da Pontes Vieira, que bota até uma loja de quadrinhos."**

*sempre ir atrás das coisas que quer. Você tá agora no Classificados do Diário. E agora?*

**Maurício -** O que vem pela frente? Eu tô no Classificado do Diário e também na parte de criação do jornal. Que o jornal mantém uma espécie de agência de propaganda para atender os clientes e as agências. Aqueles clientes que têm horror de agência de propaganda de verdade, não têm verba tanto pra uma agência de propaganda e recorrem à agência do jornal, que é uma espécie de "agencinha" pra dar um tratamento gráfico melhor, por exemplo, nos títulos, essas coisas. É claro que a agência do jornal não tem, o "lastro" que tem uma agência de verdade. Uma agência de verdade que tá toda estabelecida, com todos os elementos de criação, de mídia, de tudo. Como no jornal a gente só tem o cara de criação e os caras de arte. Criação e redação quem é o chefe sou eu.

**Entrevista - Maurício, você vendeu**

*alguns projetos botando debaixo do braço, batendo na porta e vendendo uma boa idéia. Ainda existe isso no mercado? Se eu chegar com uma boa idéia debaixo do braço, eu vou conseguir vendê-la?*

**Maurício -** Eu acho que sim?! Porque... pra uma boa idéia sempre tem uma porta aberta. Se a idéia for boa... e os jornais são acessíveis, né? Os jornais não são acessíveis? Você vê as idéias desses projetos que são implantados pelo próprio Diário? Curso de Informática; O Povo lá com o projeto do Ayrton Senna... aqui, no Diário, não venderam não sei quantas enciclopédias e dicionários e não sei o que mais? São todos projetos vendidos. O cara chega com o projeto e o diretor comercial vai atrás de um patrocinador.

**Entrevista - Maurício, você falou que, no começo, nos seus primeiros passos, você estava bastante relacionado à História em Quadrinhos.**

**Maurício -** A expressão gráfica, né?

**Entrevista - É. E hoje? Quais são as suas principais paixões?**

**Maurício -** O que foi que renovou, né?

**Entrevista - É. Você ainda é apaixonado por quadrinho, ou se seu lance é cinema...**

**Maurício -** Ainda, ó. Você vê, quadrinho é uma coisa que fica no sangue, ainda...

**Entrevista - Que tipo de quadrinho?**

**Maurício -** Os quadrinhos modernos de hoje.

**Entrevista - X-Men?**

**Maurício -** É. E os antigos, os antigos eu tenho em casa (pausa). Acho que o leitor de quadrinho é assim, fiel, não abandona pelo resto da vida. E tem aqueles que se apaixonam, ou ficam perdidos de amor pelos quadrinhos, como aquele cidadão ali da Pontes Vieira, que bota até uma loja de quadrinho... (riso). Tem vários que nem aquele cara. Tem um amigo meu que é maluco por quadrinho, frequentador assíduo daquele negócio ali.

**Entrevista - Bom, Maurício, acho que a gente já te explorou o máximo. Eu queria agradecer. Se tiver mais alguma coisa, que você gostaria de nos contar...**

**Maurício -** Eu até anotei aqui uns tópicos, mas acho que já foi tudo embora (risos).

Maurício é uma pessoa simples, humilde e realmente cativante. Depois de 80 minutos de entrevista, podemos entender porque o tratavam tão carinhosamente no jornal.